



A Medicina em História

A Medicina Hipocrática

1. Dados históricos

Sabemos que a medicina hipocrática floresceu na Grécia em meados do séc. IV e no séc. V a.C. e teve como figura de referência Hipócrates embora os dados da investigação científica já tenham provado não ser possível atribuir a autoria de todos os textos do Corpus Hippocraticum a um só autor:

Contudo, Hipócrates foi sem dúvida um dos mestres mais importantes da Escola médica de Cós como testemunham os textos de Platão e Aristóteles, que o consideram o modelo do grande médico e a própria personificação da medicina.

As dificuldades inerentes à autoria do Corpus ... prendem-se com razões circunstanciais. Naquele tempo, apesar de já haver uma preocupação relativamente à identificação dos autores dos textos, ainda era vulgar o anonimato, sobretudo entre os médicos. Segundo Jaeger¹ a explicação para este fenómeno reside na forte solidariedade grupal que existia na profissão médica desvalorizadora da paternidade das ideias e das doutrinas.

Apesar destes problemas históricos que não permitem fixar com rigor datas e nomes, os textos que constituem o Corpus ... foram extremamente importantes para a história da medicina e, em muitos aspectos, são de uma extrema actualidade.

2. A ruptura com o pensamento mágico

Qualificar a medicina hipocrática como científica requer algum cuidado pois não podemos pretender comparar a “ciência” que se produziu naquele tempo com a ciência actual. Mas, se entendermos por ciência, em sentido lato, a produção racional de leis gerais explicativas dos fenómenos baseada na observação sistemática de casos individuais acompanhada de princípios e métodos de investigação, então estamos,

indubitavelmente, perante uma nova atitude face à doença, o primeiro esforço da medicina para se libertar do pensamento mágico e constituir-se como racionalidade.

O texto A Doença Sagrada* é um paradigma deste novo modo de compreender o fenómeno patológico. A epilepsia (a doença sagrada), pela primeira vez, deixa de ser explicada por causas sobrenaturais:

«... na minha opinião esta doença não é mais divina do que qualquer outra; tem a mesma natureza (e causa) que as outras doenças» (A Doença Sagrada, I e XX). Curiosamente, segundo Hipócrates, a atribuição de uma causalidade sagrada à doença não é mais do que uma forma de esconder a ignorância:

«Aqueles (mágicos, purificadores, charlatães) que por não a conseguirem tratar remetem-se para a superstição e chamam-lhe sagrada, para que a sua ignorância não se manifeste»².

Abandonando a crença na causa divina, a medicina hipocrática irá considerar a epilepsia como o resultado da paragem de “ar com vida” nas veias, pelo fleuma que desce da cabeça.

3. A causalidade natural da doença. A teoria dos humores

A doença, não podendo ser explicada por causas sobrenaturais, a que deve, então, a sua ocorrência e o que é, afinal?

Na teoria hipocrática, o corpo é composto de quatro líquidos ou humores: o sangue, a fleuma, a bilis amarela e a bilis negra. A doença seria o resultado do equilíbrio

* Todos os excertos do Corpus... presentes neste texto basearam-se nas traduções de Rocha Pereira, M. H. (1963), *Hélide, Antologia da Cultura Grega*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2ª ed. e Jager, W. op. cit.





ideal entre os quatro humores, sendo a doença, o excesso ou a falta de um deles.

Esta teoria humoral é naturalmente o desenvolvimento da doutrina dos quatro elementos de Empédocles, explicativa da origem do Universo:

«Escuta, em 1º lugar, as quatro raízes de todas as coisas: Zeus (o fogo) resplandecente, Hera (o ar) dadora de vida, Edoneu (a terra) e Néstis (a água), que com as suas lágrimas inunda as fontes dos mortais»³. Aos elementos constitutivos de todo o real Empédocles acrescenta duas forças contrárias, o Amor e a Discórdia, responsáveis pela mudança, ao unirem ou ao separarem os elementos. Esta ideia de forças inerentes às coisas, explicativas dos acontecimentos está, concerteza, na génese desta teoria humoral.

4. A doença como totalidade

A doença não é encarada como exterior ao sujeito mas como algo que no seu interior se desequilibra, se desordena. A saúde, por seu lado, identifica-se com o “estado natural” sendo o “natural” o modelo do “normal”. O conceito de “normal” como “natural” inscreve-se, mais uma vez, no pensamento filosófico que precedeu e, segundo alguns autores, constituiu mesmo a possibilidade da emergência da medicina hipocrática⁴.

A natureza, a phisis, era entendida pela filosofia jónica com um sentido de totalidade: tudo o que existia estava integrado num todo organizado e só era passível de entendimento na sua interrelação com essa totalidade. Esta cosmovisão totalizadora transitou para a medicina hipocrática que conhecia e explicava o adoecer na relação entre o homem doente e o seu meio envolvente. Sobre este tema são célebres os textos “Dos Ventos, Águas e Regiões”: «Quem quiser aprender bem a arte de médico deve proceder assim: em primeiro lugar deve ter presentes as estações do ano e os seus efeitos, pois nem todas são iguais mas diferem radicalmente quanto à sua essência específica e quanto às suas mudanças. Deve ainda observar os ventos quentes e frios, começando pelos que são comuns a todos os homens e continuando pelos característicos de cada região. Deve ter presentes também os efeitos dos diversos géneros de águas. [...] Quando um médico chegar a uma cidade desconhecida para ele, deve determinar, antes de mais, a posição que ela ocupa em relação às várias correntes de ar e ao curso do Sol ... assim como anotar o que se refere às águas ... e à qualidade do solo...»

O olhar do médico não se dirigia apenas ao corpo doente; era requisitado para estar atento aos sinais transmitidos pela natureza, no seu todo. Há a percepção clara que as doenças ocorrem em determinados sítios, por causas específicas e, por isso o homem não pode ser desligado da natureza. Sendo um elemento da phisis

que é em si mesma ordenada, o homem participa naturalmente desta ordem, excepto quando se altera o justo equilíbrio entre as diversas forças do organismo.

A ideia de medida é crucial na medicina hipocrática; ela significa a harmonia, a conveniência equilibrada de todos os elementos que compõem um organismo consigo mesmo e com o mundo, um estado de “bem-estar”. A tarefa do médico consiste em “cuidar” desta natureza, ajudando-a a repor a ordem perdida. O que caracteriza esta arte que é a medicina é a capacidade de voltar a produzir o que já foi produzido⁵. É o respeito pelo princípio de isonomia já anteriormente expresso pelo médico Alcmeon de Crotona, para quem a saúde consistia no equilíbrio entre os elementos fundamentais de um organismo e da natureza no seu conjunto.

Hipócrates define do seguinte modo a medicina:

«E antes de mais, vou definir o que é, quanto a mim, a medicina. É libertar completamente os doentes dos seus sofrimentos ou amortecer a violência das doenças, e não tratar dos doentes que se encontram vencidos pelas doenças, sabendo que a medicina pode tudo isso» (Sobre a Arte, III, 2)

Note-se como a par da preocupação com a medicina curativa (“libertar completamente os doentes dos seus sofrimentos”) e com a medicina paliativa (“amortecer a violência das doenças”) se encontra a consciência que há limites ao saber/poder. A medicina enquanto tékhne (ofício, habilidade, arte, ciência aplicada ou ciência prática) tem como objectivo controlar as forças ocultas da natureza, prever os fenómenos mas, simultaneamente tem consciência que é impossível o domínio completo da natureza e até mesmo evitar completamente os erros que os médicos cometem. Trava-se então uma luta entre a tékhne e a tyché (a sorte, a contingência, a fortuna) em que a solução passa pela assimilação da tyché pela tékhne que depende em grande parte da capacidade, da perícia e dos conhecimentos do bom médico⁶.

O kairós, o momento oportuno de intervir, é fundamental mas requer uma longa e árdua aprendizagem e, como se reconhece nos Aforismos: «A vida é breve, a arte longa, a ocasião fugaz, a experiência duvidosa, o julgamento difícil».

A brevidade e precaridade da vida humana impedem a longa aprendizagem, necessária para desvendar a complexidade da natureza.

5. A medicina como ciência

Mostrámos já e segundo Jaeger, como a medicina hipocrática é devedora da filosofia jónica. Contudo, o seu caminhar vai implicar uma distância e um afastamento do saber filosófico, nomeadamente





no que diz respeito ao seu carácter especulativo.

A arte médica tem que se fundamentar na investigação e na descoberta dos factos, observando os sintomas que se podem ver e compreendendo o que não se pode ver. No caso das doenças ocultas é exigido o talento do médico para a observação/investigação, captando os sinais da invisibilidade. A este propósito há mesmo uma posição de afirmação contra a filosofia :

«Dizem alguns médicos e sábios que não se pode saber Medicina sem se saber o que é o homem. Quem quiser tratar bem os homens tem de ter esse conhecimento. Mas essa questão é mais de Filosofia; é comparável à atitude de Empédocles ou outros, que escreveram sobre ciências naturais, o que é o homem desde a origem, como se formou a princípio, a partir de que elementos se constituiu. Eu, por mim, entendo que quanto disseram ou escreveram sábios e médicos em matéria de ciências naturais não mais diz respeito à arte da Medicina do que à Pintura. Entendo que saber a fundo de ciências naturais é por meio da Medicina, e de mais nada. Só assim se atinge por completo esta arte. Doutra modo é impossível». (A Medicina Antiga, XX).

Esta posição enquadra-se na necessidade da medicina se afirmar pela observação dos factos concretos; o seu objecto de estudo/investigação não é o homem em si, mas cada homem concreto com os seus sintomas particulares na relação com a sua forma de vida e o meio envolvente.

A escola hipocrática ficou célebre pelos registos de casos clínicos conservados nos textos das Epidemias. Estes registos são um exercício claro da experiência concreta da Medicina, do olhar médico que atentamente observa as manifestações da doença, o seu curso e o seu desfecho assim com as terapêuticas utilizadas, registando tudo minuciosamente. Foram conscientemente produzidos para servirem de fundamento às regras gerais da prática médica. A partir do indivíduo, do conhecimento das diferenças assistiu-se à criação de um eidos comum a todas as doenças que permitisse encontrar tipos ou classes de doenças.

Mas esta observação não se processava ao acaso; os médicos hipocráticos tinham princípios e métodos reguladores da sua observação/investigação, como referem os textos da Antiga Medicina: «a medicina encontra-se, desde há muito, na posse de todos os meios, de um ponto de partida “arkhe” e de uma via “odos” que foram encontrados; graças a estes meios, um grande número de descobertas de bela qualidade foram feitas no decurso de um longo período de tempo, e as descobertas que faltam serão feitas, na condição de, juntando a dons suficientes o conhecimento das descobertas realizadas, tomarmos esta por ponto de partida da investigação».

Não há dúvida que, se bem que embrionariamente, estamos perante uma das condições essenciais da investigação científica: a existência de um método.

Quanto às terapêuticas utilizadas, os meios utilizados pelos médicos hipocráticos para restabelecer a saúde, centravam-se, sobretudo, no regime alimentar e em regras de comportamento adequadas. Esta medicina higiénica era utilizada não só como medida curativa mas também como medida de prevenção, de conservação do estado “normal”.

Segundo o autor do tratado de A Medicina Antiga o regime foi sempre a preocupação primeira da medicina; considerava que a ruptura da humanidade com a animalidade tinha sido feita à custa de uma mudança de regime. Originariamente os homens teriam tido uma alimentação semelhante à dos animais: carne e vegetais crus, sem qualquer preparação. Ora, esta alimentação se era benéfica para os mais vigorosos, tornando-os mais robustos era, simultaneamente, extremamente violenta para os mais frágeis. Houve então a necessidade de os homens procurarem uma alimentação mais adequada à sua “natureza”. Isto teve como consequência a diminuição da mortalidade precoce e a percepção que a alimentação dos homens saudáveis não era a mais conveniente para os homens doentes. A dietética apareceria, assim, na origem da medicina.

A escola hipocrática retoma esta ideia fundamental de dieta, observando cautelosamente a relação entre os alimentos e os sintomas, assim como a influência de outros aspectos da vida humana, tais como o sono, os passeios, a ginástica, as actividades sexuais e ainda condições exteriores como o clima, a estação do ano, a hora do dia, o calor, o frio, etc.

A análise destes registos minuciosos permitia prescrever para cada indivíduo particular a sua própria dieta e, simultaneamente, estabelecer regras de conduta gerais.

Note-se que a atitude do homem doente ou saudável relativamente à dieta, não era de modo nenhum a de alguém que se limitava passivamente a aceitar os conselhos do seu médico. Para que a dieta tivesse êxito era convocada a participação activa do indivíduo; ela era uma prática reflectida de si e do seu corpo, segundo M. Foucault⁷.

Neste sentido e ainda segundo o mesmo autor, a dieta da medicina hipocrática insere-se numa “arte de viver”: «...a prática do regime como arte de viver é uma coisa muito diferente de um conjunto de precauções destinadas a evitar as doenças ou a completar a sua cura. É todo um modo de se constituir como um sujeito que tem, em relação ao seu corpo, o cuidado justo, necessário e suficiente»⁸.

O “cuidar” de si e do outro em consonância com a natureza reflecte o sentido da totalidade que inspirou a medicina hipocrática. A medicina é mais do que a arte de curar; ela é um ideal consciente de educação e cultura e, por isso, é paideia⁹.





6. O Juramento

Uma das páginas mais belas do Corpus ... é, sem dúvida, o Juramento hipocrático, reflexo da grandeza do povo grego que elegeu o “humanismo” como seu princípio espiritual.

Humildemente curvado perante a divindade - «Juro por Apolo ...», o médico compromete-se a:

- a) respeitar os seus mestres - «Terei pelo meu mestre nesta arte consideração igual à que tributo aos meus pais ...»;
- b) ser ele próprio um mestre, ensinando aos outros os requisitos desta arte - «...e lhes ensinarei esta arte, ..., sem salário nem contrato»;
- c) obedecer aos princípios de beneficência e não maleficência - «Em quantas casas entrar, irei para auxiliar os doentes, longe de qualquer injustiça ou malefício voluntário ...»;
- d) ser ele próprio um modelo - «...conservarei pura e santa a minha vida e a minha arte.»;
- e) respeitar a confidencialidade - «Aquilo que eu vir e ouvir no exercício da minha profissão,...calá-lo-ei ...».

Este Juramento traduz a dignidade moral da profissão, a elevada competência técnica que lhe é exigida e o respeito pelo outro, na pessoa do doente. Servirá de modelo não só à ética profissional da medicina mas também, posteriormente, a todas as outras profissões.

As possibilidades abertas pelo pensamento racional grego no conhecimento do homem e da natureza não impediram a consciência da finitude humana. Há algo sempre que escapa, que não se deixa captar, que se mantém incognoscível. O homem grego percebeu esta dificuldade, integrando-a, e o Juramento é disso revelador. «Que profissão, que disciplina está mais amarrada à facticidade, é mais submetida à prova da realidade que a medicina?»¹⁰.

O médico hipocrático reconheceu esta dura prova e fez um exercício de humildade.

Maria Manuela Carvalho

BIBLIOGRAFIA

1 Jaeger, W. (1989). Paidéia. A formação do homem grego. Brasil: Martins Fontes Editora, 2ª ed., p. 694.

2 Martins da Silva, A. (1999). Hipócrates e a Dessacralização do texto A Doença Sagrada. Em Couto Soares, M.L., (Ed.), Hipócrates e a Arte da Medicina. Lisboa: Ed. Colibri, p.143.

3 Kirk, G., Raven, J. E Schofield, M. (1994). Os filósofos pré-socráticos. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 4ª ed., p.300.

4 Jaeger, op. cit., p. 690.

5 Gadamer, H-G (1997). O Mistério da Saúde. Lisboa: Ed. 70, p.40.

6 Couto Soares, M.L. (1999). O “Triângulo hipocrático”. Notas sobre o estatuto da medicina. Em Couto Soares, M.L., (Ed.), Hipócrates e a Arte da Medicina. Lisboa: Ed. Colibri, pp. 63-89.

7 Foucault, M. (1994). História da sexualidade II. O uso do prazeres. Lisboa: Relógio d'Água, p. 124.

8 Foucault, M., op. cit., p.135.

9 Jaeger, W., op. cit., p.687.

10 Silvério Marques, M. (1999). O umbigo simbólico – notas partidas do Juramento Hipocrático. Em Couto Soares, M.L., (Ed.), Hipócrates e a Arte da Medicina. Lisboa: Ed. Colibri, p.98.